



REDES, RESISTÊNCIAS E AS LUTAS PELA EDUCAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE DIÁLOGO NO PPGEDU-UFRGS

NETWORKS, RESISTANCES AND STRUGGLES FOR EDUCATION: A DIALOGUE EXPERIENCE IN PPGEDU-UFRGS

 Vanessa Rodrigues Porciúncula

Mestra em Educação –PPGEDU
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.
Porto Alegre, Rio Grande do Sul – Brasil.
vanessa.porciuncula@hotmail.com

Resumo: Este trabalho tem como objetivo geral sistematizar as reflexões realizadas durante o seminário Juventudes e Ação Política: individualizações, reflexividades e redes de mobilizações. Durante o seminário, as principais temáticas abordadas pelos participantes foram a participação de jovens no movimento estudantil, e as possibilidades de pensar os movimentos sociais de juventude com a juventude. Destacando a própria organização e condução do seminário. A partir das falas podemos destacar dois aspectos que julgamos importantes para o debate sobre a participação da juventude nos movimentos estudantis: o caráter educativo dos movimentos e a formação de uma coletividade juvenil. A metodologia utilizada para a escrita do artigo está baseada nos quatro passos para a sistematização de experiência.

Palavras-chave: juventudes; Educação; redes e resistência.

Abstract: The general objective of this work is to systematize the reflections carried out during the Youth and Political Action seminar: individualizations, reflexivities and mobilization networks. During the seminar, the main themes addressed by the participants were about the participation of young people in the student movement, and the possibilities of thinking about youth social movements with youth. Highlighting the organization and conduction of the seminar itself. Based on the speeches, we can highlight two aspects that we consider important for the debate on youth participation in student movements: the educational nature of the movements and the formation of a youth community. The methodology used for writing the article is based on the four steps for systematizing experience.

Keywords: youth; education; networks and resistance.

Para citar – ABNT NBR 6023:2018

PORCIÚNCULA, Vanessa Rodrigues. Redes, resistências e as lutas pela educação: uma experiência de diálogo no PPGEDU-UFRGS. *Cadernos de Pós-graduação*, São Paulo, v. 22, n. 1, p. 45-52, jan./jun. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/cpg.v22n1.23024>.

1 Introdução

Este trabalho é fruto das reflexões realizadas no seminário “Juventudes e Ação Política: individualizações, reflexividades e redes de mobilizações”, realizado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O seminário contou com a participação de jovens pesquisadores e pesquisadoras na área da juventude, bem como integrantes de movimentos sociais de juventudes, distribuídos em seis mesas temáticas, indicadas no quadro abaixo.

Quadro 1 - Títulos das Mesas Temáticas

1ª Mesa Temática	Gênero e sexualidade no contexto brasileiro: diálogos com ativistas de movimentos feministas e LGBTQI+
2ª Mesa Temática	Racismo e política: discussões contemporâneas
3ª Mesa Temática	Redes e resistências: lutas pela educação
4ª Mesa Temática	Terra, território e territorialidades
5ª Mesa Temática	Corpos em movimento: culturas, arte e política
6ª Mesa Temática	Dos itinerários juvenis aos coletivos políticos

Fonte: Elaborado pela autora.

Sendo assim, este trabalho versa de maneira mais atenta sobre a terceira mesa temática intitulada: Redes e resistências: lutas pela educação, que teve por objetivo dialogar sobre a participação das juventudes na luta em defesa da educação, e contou com a participação de duas estudantes-militantes Marcela Almerindo¹ e Tanise Medeiros².

Já de pronto, gostaria de ressaltar o caráter *pra-frente*, do seminário, desde a sua concepção, que parte de uma construção coletiva entre professores e estudantes-militantes de juventude. Fazendo-se importante pensar a partir dos movimentos e das fissuras institucionais, causadas pela construção coletiva de um seminário³ que compõe a grade de oferta curricular de um importante programa de pós-graduação em educação. Um seminário cuja construção partiu da busca pela articulação de debates teóricos com as mobilizações de juventudes em diferentes territórios e contextos. A partir do esforço coletivo, empenhado em romper com uma perspectiva epistemológica que naturaliza a separação entre teoria da universidade e centros de pesquisa e a prática dos movimentos sociais e coletivos.

A importância de se pensar os movimentos sociais de juventude com a juventude se faz uma opção ético-política central na realização do seminário e na condução do diálogo. Durante a escrita do trabalho procurou-se destacar os pontos mais importantes de cada fala e posteriormente

¹ Marcela Almerindo Rodrigues - Militante da União da Juventude Comunista e Caloura do Curso de Graduação em Serviço Social.

² Tanise Medeiros - Historiadora (UFRGS). Doutoranda em Educação na linha de pesquisa Educação Cultural e Humanidades (PPGEDU/UFRGS) Membro do Grupo de Estudos Afro-brasileiro da UFCSPA.

³ SEMINÁRIOS AVANÇADOS - os quais tratam do conhecimento nas áreas específicas das Linhas de Pesquisa e das especialidades temáticas, resgatando o conhecimento acumulado e, ao mesmo tempo, colocando-o em sintonia com os avanços científicos atuais.

relacioná-los com referenciais teóricos pertinentes à área de estudos dos movimentos sociais.

2 Do como se escreve: metodologia

Compartilhamos do princípio de que a sistematização de experiências é um dos meios possíveis para a construção de novos conhecimentos teóricos-práticos. Assim, a sistematização

[...] situa-se no difícil e pouco transitado caminho intermediário entre a descrição de uma experiência e a reflexão teórica; que a sistematização é um primeiro nível de conceitualização que se pretende contribuir na melhoria da própria experiência e, às vezes, no enriquecimento da teoria. (HOLLIDAY, 2006, p. 45)

Sistematizar experiências (HOLLIDAY, 2006) como metodologia implica sustentar teoricamente uma organização rigorosa de uma sequência de eventos que foram escolhidos como objeto concreto da sistematização. Dessa forma, coloca-se em ordem conhecimentos desordenados e percepções despesas que surgiram no decorrer da experiência e explicita-se as intenções e as vivências acumuladas ao longo do processo. No fim, trata-se de um processo que permite objetivar o vivido.

Neste escrito, utilizamos como método a proposta de sistematização do sociólogo e educador popular peruano Oscar Jara Holliday, que elenca “cinco tempos que todo processo de sistematização deveria ter” (HOLLIDAY, 2006, p. 72):

- . O ponto de partida.
 - A. As perguntas iniciais.
 - B. Recuperação do processo vivido.
 - C. A reflexão de fundo.
 - D. Os pontos de chegada.
- (HOLLIDAY, 2006, p. 73)

Assim, este artigo organiza-se em torno desses tempos: os pontos (A) e (B) já foram expostos na introdução; o ponto (C) é apresentado na seção que se segue a esta, intitulada “Experiência vivida”; o item (D) será discutido com uma reflexão a partir de alguns conceitos teóricos e o item (E), que demonstra os pontos de chegada, será referido na conclusão.

Certamente, a sistematização, nos termos do sociólogo peruano, é um desafio político-pedagógico pautado na relação dialógica e na busca por uma interpretação crítica dos processos vividos. Esse procedimento metodológico reflete o saber-fazer e o fazer-saber existentes no quefazer de tais movimentos, com seus avanços e dificuldades.

3 Recuperação do processo vivido

Marcela, durante a sua fala, nos traz a experiência a partir da inserção no movimento estudantil- movimento dos secundaristas - que se inicia com a participação no grêmio estudantil de sua

escola⁴ que possibilitou a sua participação em diversas mobilizações: ocupações⁵, manifestações de rua e panfletagens. Destacando as aprendizagens que a sua inserção em um *movimento coletivo organizado* proporcionou e os debates nos quais foi inserida, ela indica como sendo o principal deles o *impacto da política na vida e na formação da juventude*. Mas, também, o debate em torno da construção do conhecimento: *a escola como um espaço de formação para o mundo e não só para a universidade ou para o mundo do trabalho*. Essa circulação fez com que ela tivesse um olhar crítico para a realidade pandêmica e ampliou a compreensão da importância dos movimentos sociais neste contexto.

Em sua fala fica evidente a importância da coletividade criada em torno das lutas por ampliação de direitos e da rede de apoio criada pelos participantes. E, em se tratando do movimento estudantil, esta rede de apoio tem atuação não só nas subjetividades dos jovens mas também como apoio material, visto que, segundo a Marcela, foi em um momento extremo com altos índices de evasão escolar e com estudantes passando dificuldades financeiras que estudantes encontram amparo nas organizações coletivas

Quando falamos, não falamos sozinhos, falamos juntos com aqueles que têm a mesma trajetória que nós e que caminham juntos. É assim que Tanise inicia sua fala, e se por um lado a fala da Marcela diz do lugar dela no ensino médio, a fala da Tanise fala desde o lugar dela na universidade pensando a educação e juventude.

Tanise destaca a importância de políticas de permanência estudantil e o papel desempenhado pelos movimentos estudantis na defesa e na luta pela ampliação dessas políticas que tem por finalidade garantir condições mínimas para que os estudantes concluam os estudos.

A inserção de jovens em movimentos sociais e/ou coletivos tem influência na sua formação e na própria constituição de visões de mundo e nas escolhas desses jovens. Mas é necessário ressaltar que em se tratando do espaço da universidade se tem dificuldades para encontrar seus pares (de luta), movimento que possibilita a construção de coletividades, muito por conta da estrutura da própria universidade e pela lógica individualista e competitiva.

E durante a sua busca por coletividades encontra o programa Pet Conexões⁶, que constitui, assim como outros *espaços institucionalizados que são apropriados pelos jovens que se tornam verdadeiros coletivos juvenis*. Tanise, também destaca outros coletivos como: GTUP - Grupo de Trabalho Universidade Popular; Coletivo Discente do PPGEDU e a APG - Associação dos Pós-Graduandos.

⁴ Escola Estadual de Ensino Médio Padre Reus, uma escola tradicional de Porto Alegre.

⁵ Ocupação contra o fechamento da escola Escola Estadual Rio Grande do Sul, localizada no Centro Histórico de Porto Alegre. <https://gauhazh.clicrbs.com.br/educacao-e-emprego/noticia/2020/10/ocupado-ha-mais-de-um-mes-predio-da-escola-estadual-rio-grande-do-sul-se-gue-sem-destino-definido-mp-analisa-o-caso-ckg2wb3u1003v015xwyne460o.html>

⁶ PET Conexões Políticas Públicas de Juventude é um grupo de abrangência institucional, com proposta de ações interdisciplinares no eixo das políticas públicas de/para juventudes.

4 A reflexão de fundo

Para iniciar nossa reflexão é necessário que tenhamos um conceito de movimento social comum, uma vez que quando se propõe a pensar sobre movimentos sociais não se pode esquivar-se do debate sobre as questões que envolvem suas definições. Tais entendimentos modificam-se de acordo com as referências teóricas utilizadas.

Em um sentido mais amplo entendemos os movimentos sociais como grupos organizados que se mobilizam em torno de ações voltadas para determinados objetivos. Contudo, mesmo partindo desse entendimento mais geral, não podemos nos acomodar pois:

Se chamarmos de movimento social qualquer tipo de ação coletiva, não é necessário nem possível fazer teoria [...]. Os que julgam provar a análise chamando de movimento social não importa que tipo de problema da organização social, falam sem dizer nada. A noção de movimento social só é útil se permitir pôr em evidência a existência dum tipo muito particular de ação coletiva. (TOURAINÉ, 2003, p. 113)

Neste entendimento os movimentos sociais passam a ser muito mais do que um grupo de interesse ou um instrumento de pressão política, eles questionam o próprio modo de utilização de recursos e modelos culturais.

Maria da Gloria Gohn em seu livro *Teorias dos Movimentos Sociais* (2014) ao transcorrer sobre os paradigmas clássicos e contemporâneos do movimento sociais, propõe a divisão em três grandes paradigmas: paradigma norte-americano; paradigma europeu e o paradigma sul-americano. Tomando como ponto de partida esta classificação podemos localizar o entendimento sobre movimentos sociais, deste trabalho, no modelo europeu, pós 1960, que a autora agrupa em duas grandes linhas de abordagem os neomarxistas e a culturalista-acionalista que se consagrou com a dos Novos Movimentos Sociais que é onde este trabalho se localiza teoricamente.

Os atores sociais são analisados pelos teóricos dos Novos Movimentos Sociais prioritariamente sobre dois aspectos: por ações coletivas e pela identidade coletiva criada no processo. Observando-se que a enfatiza a identidade coletiva criada por grupos e não a identidade social criada por estruturas sociais pré configuram certas características individuais. (GOHN, 2024, p. 123)

Nesse sentido podemos entender que a identidade se torna parte constitutiva da formação dos movimentos, e crescem na medida que defendem essa identidade. E no caso dos movimentos estudantis podemos perceber que, na maioria das vezes, a aproximação de jovens a esses movimentos se dá pelo reconhecimento identitário num primeiro momento e posteriormente o reconhecimento nas suas pautas de luta.

A partir das falas podemos destacar dois aspectos que julgamos importante para o debate sobre a participação da juventude nos movimentos estudantis, que são o caráter educativo dos

movimentos sociais não só no que diz respeito ao indivíduo, mas também a própria sociedade a partir de suas instituições; e em segundo, a importância na criação de pertencimento desses jovens – a formação de uma coletividade, necessária no processo de individuação da juventude e a formação política juntamente com a apreensão crítica da realidade (consciência crítica)

Gohn nos fala sobre 3 dimensões para se referir ao caráter educativo dos movimentos sociais - dimensão da organização política, dimensão da cultura política e dimensão da espaço-temporal.

A dimensão da organização política é caracterizada a partir da aquisição progressiva da consciência crítica que se dá através reconhecimento dos direitos e deveres dos indivíduos, uma vez que essa mesma

Consciência se constrói a partir da agregação de informações dispersas sobre como funciona tal órgão público, como se deve proceder para se obter tal verba, quem administra tal fundo, quais são os agentes que estão presentes na gestão de determinado bem ou equipamento público etc. (GOHN, 2012, p.22)

A dimensão da cultura política diz respeito ao

[...] exercício da prática cotidiana nos movimentos sociais leva ao acúmulo de experiências, onde tem importância a vivência no passado e no presente para a construção do futuro. Experiências vivenciadas no passado, como opressão, negação de direitos etc., são resgatadas no imaginário coletivo do grupo de forma a fornecer elementos para a leitura do presente. (GOHN, 2012, p.23)

Já a dimensão espaço-temporal trata da

[...] consciência gerada no processo de participação num movimento social leva ao reconhecimento das condições de vida da parcela da população, no presente e no passado. [...] Esta dimensão possibilita uma grande articulação entre o chamado saber popular e o saber científico, técnico, codificado. (GOHN, 2012, p.25)

Se buscarmos a compreensão a partir da coletividade, outra palavra muito presente nos discursos podemos entender o movimento social como uma coletividade onde se elaboram identidades e onde se organizam modos de ações com os quais se defendem interesses, construindo com isso identidades marcadas por interações e processos de reconhecimento (GOMES, 2017)

Os movimentos sociais são produtores e articuladores dos saberes constituídos pelos grupos não hegemônicos e contra-hegemônicos da nossa sociedade. Atuam como pedagogos das nas relações sociais. Muito do conhecimento (GOMES, 2017, p. 16)

Passamos a entender, também o movimento social de juventude, a partir das leituras da Nilma Nilo Gomes - o movimento negro educador - como um ator político capaz de educar não só pessoas, participando ou não do movimento, coletivos e instituições políticas, uma vez que estas são muitas vezes alteradas por conta das reivindicações feitas por tais movimentos.

Os movimentos estudantis podem ser considerados a partir de sua luta como movimentos reivindicatórios por ampliação de direitos, assim como podem ser entendidos como subjetividades desestabilizadoras uma vez que os saberes ali construídos e sistematizados além de criar estratégias de emancipação também ativam na sociedade a capacidade de espanto e indignação ao desvelar a realidade que os oprime.

E, ao olharmos para as trajetórias das duas convidadas que as conduziram ao prosseguimento dos estudos - Marcela na Graduação e a Tanise do Doutorado - percebemos que o ingresso na universidade não as afasta das temáticas dos Movimentos de Juventude em Educação, mostrando que

As universidades vêm sofrendo um processo de transformação, assim como a sociedade, e seu início foi marcado pela exclusão de grupos sociais e étnicos, e por programas elitistas, onde a diplomação era unicamente um ponto de distinção. [...] hoje ela pode ser, também, um lugar de reconhecimento e valorização das culturas silenciadas e destituídas de seus valores epistemológicos, um lugar de reforço e de autodeterminação. (PORCIÚNCULA, 2020, p.208)

Transformações geradas pelos ingressos de jovens-militantes como a Marcela e a Tanise. Jovens-militantes responsáveis pela produção de um conhecimento outro, um conhecimento que se afasta das ideias positivistas de produção de conhecimento, um conhecimento gerado nas/das práticas dos movimentos sociais, verdadeiro loucos de saber, uma vez que não existe conhecimento apartado das práticas sociais e atores sociais. Diferentes relações sociais são geradoras de diferentes epistemológicas

Poderíamos nomear tal conhecimento como um conhecimento engajado. Um conhecimento que parte de práticas sociais outras, feitas por sujeitos outros, que utilizam a produção teórica como meio de cura e por consequência os problemas de pesquisa para resolver problemas que afetam a realidade nossa realidade (PORCIÚNCULA, 2020, p.208)

Tal conhecimento além de manter ligações concretas e com a sua realidade - o movimento social do qual se origina - alimentando pesquisas que visam gerar conhecimentos úteis aos interesses da comunidade onde o sujeito-pesquisador- militante está inserido, assim o uso da teoria deixa de ser instrumental.

5 Os pontos de chegada – conclusão

A busca por condições dignas de vida, no caso dos jovens, está na busca pela conclusão dos estudos e na possibilidade de afirmação de reconhecimento de identidades, constitui umas das marcas da participação de jovens nos movimentos de juventude e aqui em especial dos movimentos

estudantis, seja ele nos grêmios escolares, coletivos universitários ou associações de pos-graduação.

Destacando que o caráter educativo dos movimentos sociais descrito por Nilma Lino Gomes e Maria da Glória Gohn aparece nos movimentos de juventude como influência na formação da própria identidade desse jovem à medida que este toma consciência de sua realidade na busca da ampliação de seus direitos.

O olhar sobre a trajetória, ainda, nos informa traços próprios da formação da identidade desses jovens, que participam de movimentos sociais de juventude, tem a sua identidade formatada tanto simbólica quanto social, assim, as lutas para afirmar as identidades têm causas e consequências materiais (WOODWARD, 2014). E ao ingressarem em espaços, como os propiciados pelos movimentos sociais de juventudes, as identidades juvenis adquirem sentido por meio de linguagens e sistema de códigos próprios pelos quais passam a ser representados.

Referências

- GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais e educação. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- GOHN, Maria da Glória, Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos. 11 ed. São Paulo. Loyola, 2014
- GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.
- HOLLIDAY, Oscar Jara. Para sistematizar experiências. Tradução de Maria Viviane V. Resende. 2ed. Revista. Brasília: MMA 2006.
- PORCIÚNCULA, Vanessa. A Educação Popular como meio de (Re)existir. in Reafirmando Direitos: cotas, trajetória e epistemologias negras e quilombolas na pós-graduação. Org. Dandara Dornelles [et al] Porto Alegre, Cirkula, 2020.
- TOURAINÉ, Alain. Podemos viver juntos? Iguais e diferentes. Petrópolis: Vozes, 2003.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Org. Stuart Hall, Kathryn Woodward. Petrópolis, Vozes, 2014.